



2022, autores.  
Direitos dessa edição cedidos à Edufba.  
Feito o Depósito Legal.

Grafia atualizada conforme o Acordo Ortográfico da  
Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil desde 2009.

Coordenação editorial  
*Susane Santos Barros*

Capa e Projeto Gráfico  
*Rodrigo Oyarzábal Schlabit*

Coordenação gráfica  
*Edson Nascimento Sales*

Imagem de Capa  
*Freepik.com*

Coordenação de produção  
*Gabriela Nascimento*

Revisão  
*Debora Sales da Rocha*

Normalização  
*Raquel Matos de Aguiar*

Sistema de Bibliotecas - UFBA

---

C357 A categorização em linguística cognitiva: organizando conhecimentos /  
A. Ariadne Domingues Almeida, Organizadora. - Salvador: EDUFBA,  
2022.  
174 p. :il.

ISBN: 978-65-5630-307-9

1. Linguística Cognitiva. 2. Semântica Cognitiva. 3. Categorização.  
I. Almeida, A. Ariadne Domingues. II. Título: Categorização em Linguística  
Cognitiva: organizando conhecimentos.

CDU - 81'3

---

Elaborada por Geovana Soares Lira CRB-5: BA-001975/O

Editora afiliada à



Editora da UFBA

Rua Barão de Jeremoabo, s/n - Campus de Ondina  
40170-115 - Salvador - Bahia  
Tel.: +55 71 3283-6164  
[www.edufba.ufba.br](http://www.edufba.ufba.br) / [edufba@ufba.br](mailto:edufba@ufba.br)

TEIXEIRA, José. (2022). Categorização e concetualização: da metáfora/metonímia e sinestesia à sintonímia, in ALMEIDA, A. A. D. *A categorização em Linguística Cognitiva: organizando conhecimentos*, EDUFBA, Salvador da Bahia, pág.49-85.

# CATEGORIZAÇÃO E CONCETUALIZAÇÃO

---

## DA METÁFORA/METONÍMIA E SINESTESIA À SINTONÍMIA<sup>1</sup>

JOSÉ TEIXEIRA

### CATEGORIZAÇÃO E CONCETUALIZAÇÃO

Sendo as ciências cognitivas uma área de interseção de variados percursos, desde a Psicologia, a Neurologia, a Filosofia, a Linguística e várias outras (desde os domínios das chamadas ciências sociais, ciências biológicas até aos domínios da inteligência artificial), é inevitável que múltiplos instrumentos terminológicos confluem (e conflituem) quando se abordam determinados temas comuns. Um deles é a relação entre a categorização e a concetualização. Não admira, por isso, que para estes dois termos se

---

1 Este texto foi inteiramente mantido conforme seu original, respeitando as normas do português europeu e, assim, a nacionalidade do autor.

encontrem variados entendimentos e, portanto, múltiplas definições. Na impossibilidade (e inutilidade) de apresentar, aqui e agora, todas as perspectivas de todos os autores de todas as áreas sobre estes dois conceitos, parece-nos fundamental, numa vertente linguístico-cognitiva, fazer uma diferenciação que seja metodologicamente útil.

Embora os termos *conceito* e *categoria* sejam muitas vezes usados como sinónimos, parece-nos ser útil fazer alguma distinção. Antes de mais, no entanto, convém ter a noção de que todas as divisões terminológicas que se façam sobre os fenómenos da categorização (ou sobre outros) não implicam correspondências a realidades efetivamente separadas. Distinguir terminologicamente categorização de concetualização não acarreta que sejam duas coisas ou processos realmente separáveis na realidade, mas tão só que talvez sejam apenas duas focagens de tentarmos perceber a mesma realidade –o processamento que vai da cognição à estruturação linguístico-concetual.

O neurocientista António Damásio (2004) defende que

A linguagem, com as suas palavras e frases, [...] é uma conversão de imagens não linguísticas que representam entidades, eventos, relações e inferências. [...] A linguagem funciona [...] simbolizando em palavras e frases aquilo que começa por existir sob uma forma não verbal. (DAMÁSIO, 2004, p. 134)

Parecendo-nos inquestionável esta visão, então poderemos aceitar que o processamento conce(i)tual pode não implicar um processamento linguístico, como defende Damásio. Assim, a estruturação dos conceitos nos seres humanos deve ser independente e anterior à estruturação linguística. A não ser assim, ter-se-ia que aceitar que um ser humano cognitivamente normal mas que não tivesse adquirido uma língua (por exemplo, por nunca ter vivido numa sociedade) não teria concetualizações sobre a realidade, o que parece absurdo. Assim, as “imagens não linguísticas que representam entidades, eventos, relações e inferências”, no dizer de Damásio (2004., p. 134), serão a matéria para os conceitos que os mecanismos linguísticos ajudarão a organizar em categorias linguísticas.

Figura 1 - Mecanismos cognitivos globais e mecanismos linguísticos



Fonte: próprio autor.

O esquema da Figura 1 procura sintetizar o processo: os nossos mecanismos cognitivos globais processam imagens não linguísticas que representam as entidades que construímos a partir da percepção da realidade em que nos inserimos. Esse processamento pré-linguístico é organizado em conceitos, entendidos como *clusters* cognitivamente estruturados. É sobre esta base que atuam os mecanismos linguísticos (ligados aos cognitivos pré-linguísticos) que organizam os conceitos em categorias, sendo estas entendidas como conceitos ou *clusters* linguisticamente estruturados.

## ORGANIZAÇÃO CONCEPTUAL E ORGANIZAÇÃO CATEGORIAL

Como se organizam estes *clusters* a nível cognitivo e linguístico? É lícito separar os dois âmbitos? Em que medida é que fenómenos como a metonímia, a metáfora e a sinestesia contribuem para a respetiva estruturação? Que dados da experiência nos possibilitam entrever a realidade desta organização?

Para tentar respostas a estas questões, servir-nos-emos de dados colhidos em inquéritos sobre a relação entre o processamento das cores e o significado linguístico de 9 provérbios no Português Europeu (PE) e no Português do Brasil (PB), tentando demonstrar que os fenómenos da metonímia, da metáfora e da sinestesia, mais do que fenómenos autónomos, são vertentes nem sempre separáveis no processo de construção da cognição e do significado.

Em trabalhos complementares a este,<sup>2</sup> apresentamos dados que demonstram que a ativação semântico-cognitiva das cores não é aleatória no processo linguístico, mesmo quando o enunciado não contém palavras/expressões que diretamente referem valores cromáticos. Tais dados resultam de um conjunto de 843 inquiridos: em Portugal, 573 recolhidos e, no Brasil, 270. Era pedido a cada inquirido que indicasse a cor que prioritariamente lhe era sugerida por cada um de uma lista de 9 provérbios. Como se pode verificar no quadro seguinte, a versão brasileira de alguns provérbios apresentava pequenas variações morfossintáticas:

Quadro 1 - Provérbios no Português de Portugal e no Português do Brasil

Nº	Portugal	Brasil
1	Quem com ferro mata com ferro morre.	Quem com ferro fere, com ferro será ferido.
2	Mais vale tarde do que nunca.	Antes tarde do que nunca.
3	Quem tudo quer tudo perde.	Quem tudo quer tudo perde.
4	Amor com amor se paga.	Amor com amor se paga.
5	O fruto proibido é o mais apetecido.	O fruto proibido é mais gostoso.
6	Só a morte é que não tem remédio.	Há remédio para tudo, menos para a morte
7	Mais vale um pássaro na mão do que dois a voar.	Mais vale um pássaro na mão do que dois voando.
8	Filho de peixe sabe nadar.	Filho de peixe peixinho é.
9	Água mole em pedra dura tanto bate até que fura.	Água mole em pedra dura tanto bate até que fura.

Fonte: próprio autor.

Tentámos compreender até que ponto, nos cérebros ditos normais, designados por não sinestetas<sup>3</sup> nos estudos da Psicologia, há sistematicidade

2 Teixeira (2018a), Teixeira (2018b), Teixeira (2019a) e Teixeira (2019b).

3 Barnett et al. (2009), Beeli et al. (2007), Rich et al. (2005), Simmons et al. (2007), Simner et al. (2005), Simner et al. (2006), Yokoyama et al. (2014). Para melhor ver o contexto e condições do inquirido e a diferença entre a percepção do conceito de sinestesia nos âmbitos da psicologia e da retórica tradicional, ver os trabalhos atrás referidos de Teixeira (2018a), Teixeira (2018b), Teixeira (2019a) e Teixeira (2019b).

a ligações sinestésicas de cores ao significado linguístico. Os 9 provérbios utilizados e bastante conhecidos não tinham, como se pode verificar, palavras diretamente referentes a cores.<sup>4</sup>

Os resultados comprovaram a identidade da paleta de cores de cada provérbio, provando que as cores não são acionadas aleatoriamente, mas que tal acionamento resulta de associações semânticas e cognitivas que os falantes desencadeiam.

## IMAGENS MENTAIS E *CLUSTERS* LINGUÍSTICO-COGNITIVOS DAS CORES

Um dos alicerces da semântica cognitiva reside no princípio de que o significado não é objetual mas corporizado, no sentido de que não se pode separar da forma como percebemos o mundo e de como com ele interagimos (LAKOFF, 1995; LAKOFF; JOHNSON, 1999; GIBBS, 2003; GIBBS et al., 2004; JOHNSON, 2012). Tudo se centra (a este nível) na cognição e concetualização, na construção de entidades cognitivas resultantes das nossas perceções e da respetiva interação com todo o *feedback* cognitivo e de memória que o cérebro processa.

De vários pontos das ciências cognitivas aparecem contributos que solidificam a opinião de que, na construção dos conceitos/categorias que as palavras implicam, a cognição humana parte da transformação das experiências corporizadas em imagens mentais. Damásio (2010a) descreve os resultados do funcionamento cerebral em mapeamentos do mundo que constroem imagens experienciadas, mapeamentos que não envolvem apenas perceções singulares e isoladas, mas conjuntos complexos:

---

4 Para testar a não aleatoriedade dos resultados, dividimos os inquiridos do PE em dois grupos: um com os primeiros 300 inquiridos recebidos (Grupo 1) e outro com os restantes 273 (Grupo 2). Os resultados comprovaram “coincidências” muitíssimo significativas, não apenas em alguns dos provérbios, mas em todos. E não só entre os dois grupos do PE (Português Europeu) mas também entre estes e o do PB (Português Brasileiro). As cores mais acionadas, em cada grupo de inquiridos, para cada provérbio, foram globalmente dominantes, nos outros grupos, para o mesmo provérbio e com as cores secundariamente indicadas aconteceu o mesmo.

the brain maps the world around it and maps its own doings. Those maps are experienced as *images* in our minds, and the term *image* refers not just to the visual kind but to images of any sense origin such as auditory, visceral, tactile, and so forth. (DAMASIO, 2010a, p. 24)<sup>5</sup>

Cada um destes mapeamentos engloba múltiplos aspetos até à fase da constituição de “as imagens nas nossas mentes”, como afirma Damásio:

The mapped patterns constitute what we, conscious creatures, have come to know as sights, sounds, touches, smells, tastes, pains, pleasures, and the like—in brief, images. The images in our minds are the brain’s momentary maps of everything and of anything, inside our body and around it, concrete as well as abstract, actual or previously recorded in memory. The words I am using to bring these ideas to you were first formed, however briefly and sketchily, as auditory, visual, or somatosensory images of phonemes and morphemes, before I implemented them on the page in their written version. Likewise, the written words, now printed before your eyes, are first processed by you as *verbal* images (visual images of written language) before their action on the brain promotes the evocation of yet other images, of a *nonverbal* kind. The nonverbal kinds of images are those that help you display mentally the concepts that correspond to words. (DAMASIO, 2010a, p. 60)<sup>6</sup>

---

5 Na tradução da obra em português: “o cérebro mapeia o mundo em seu redor, bem como o seu próprio funcionamento. Esses mapas são experienciados como imagens na nossa mente, e o termo imagem refere-se não só às imagens de tipo visual mas também a imagens com origem em qualquer sentido, sejam elas auditivas, viscerais, ou tácteis, por exemplo”. (DAMASIO, 2010a, p. 24).

6 Na tradução da obra em português: “Os padrões mapeados constituem aquilo que nós, criaturas conscientes, apreendemos como sons, texturas, cheiros, sabores, dores e prazeres - ou seja, imagens. As imagens nas nossas mentes são os mapas instantâneos do cérebro para tudo e mais alguma coisa, dentro do corpo e à sua volta, tanto concreto como abstracto, do presente ou daquilo que foi anteriormente gravado na memória. As palavras de que me sirvo para transmitir estes conceitos foram originalmente formadas, ainda que de forma breve e resumida, como imagens auditivas, visuais ou somatossensoriais de fonemas e morfemas, antes de as passar para a página sob a sua forma escrita. De igual modo, essas palavras agora impressas à frente dos olhos do leitor são primeiramente processadas por si como imagens

Damásio acentua o caráter complexo das “imagens” resultantes dos mapeamentos, na medida em que estas imagens são padrões mentais onde podem ter lugar qualquer uma das modalidades sensoriais:

by image I mean a mental pattern in any of the sensory modalities, e.g., a sound image, a tactile image, the image of a state of well-being. Such images convey aspects of the physical characteristics of the object and they may also convey the reaction of like or dislike one may have for an object, the plans one may formulate for it, or the web of relationships of that object among other objects. (DAMÁSIO, 1999, p. 9)<sup>7</sup>

By the term images I mean mental patterns with a structure built with the tokens of each of the sensory modalities—visual, auditory, olfactory, gustatory, and somatosensory. The somatosensory modality (the word comes from the Greek soma which means “body”) includes varied forms of sense: touch, muscular, temperature, pain, visceral, and vestibular. The word image does not refer to “visual” image alone, and there is nothing static about images either. The word also refers to sound images such as those caused by music or the wind, and to the somatosensory images that Einstein used in his mental problem solving—in his insightful account, he called those patterns “muscular” images. (DAMÁSIO, 1999, p. 318)<sup>8</sup>

---

verbais (imagens visuais da linguagem escrita), antes de a acção delas no cérebro promover a evocação de ainda mais imagens, de um tipo não-verbal. As imagens de tipo não-verbal são as que nos ajudam a expor mentalmente os conceitos que correspondem a palavras”. (DAMÁSIO, 2010b, p. 97).

- 7 “Por imagem quero dizer um padrão mental em qualquer uma das modalidades sensoriais, por exemplo, uma imagem sonora, uma imagem tátil, a imagem de um estado de bem-estar. Tais imagens transmitem aspetos das características físicas do objeto e também podem transmitir a reação de gostar ou não gostar de um objeto, os planos que alguém pode formular para ele, ou a rede de relações entre o objeto e outros objetos. (DAMÁSIO, 1999, p. 9, tradução nossa).
- 8 “Pelo termo imagens quero dizer padrões mentais com uma estrutura construída com os sinais de cada uma das modalidades sensoriais - visual, auditiva, olfativa, gustativa e somatossensorial. A modalidade somatossensorial (a palavra vem do grego “soma” que significa “corpo”) inclui formas variadas de percepções: o toque, percepções musculares, a temperatura, a dor, as percepções das vísceras e do equilíbrio. A palavra imagem não se refere apenas a imagens “visuais”, e não há nada de estático nas referidas imagens. A palavra também se refere a imagens sonoras como aquelas causadas pela música ou pelo vento e às imagens somatossensoriais

No entanto, para Johnson (2012), as imagens de Damásio são mais a percepção (ou consciencialização) de um estado do corpo do que representações interiorizadas (*innerrepresentations*):

A mental image, as Damasio is using that term, is not an inner representation or model of some nonmental reality, such as a state of the body. Rather, the image is just our awareness of certain aspects of our current body state. (JOHNSON, 2012, p. 64)<sup>9</sup>

Parece-nos pouco aceitável afirmar que as imagens mentais, para Damásio, não são representações interiorizadas mas apenas a consciencialização de alguns aspetos de um estado corporal (“*our awareness of certain aspects of our current body state*”<sup>10</sup>) (JOHNSON, 2012, p. 64)) A serem assim, seriam simplesmente imagens transitórias de cada um dos estados cognitivos momentâneos. Embora Damásio (2010a; 1999) fale em “mapas instantâneos”, tem que se supor que esses mapas se convertem em imagens (obviamente não em sentido fotográfico) que enformam o processo cognitivo e linguístico.

Embora no estado atual do conhecimento não tenhamos certezas sobre como se realiza o processo, parece-nos aceitável defender que estas imagens mentais de que Damásio (2010a; 1999) fala e que construímos sobre a realidade podem ser posteriormente transformadas em conceitos, categorias e significados linguísticos. Essas imagens mentais resultam da transformação das percepções em redes cognitivas complexas que associam cada estado cognitivo momentâneo (imagem mental, em Damásio) com o *stock* cognitivo existente na mente: a percepção momentânea de “verticalidade” pode correlacionar valores como espaço-estar em pé-estar

---

que Einstein usou na resolução das questões na mente - na sua forma perspicaz, ele chamou a esses padrões imagens “musculares””. (DAMÁSIO, 1999, p. 318, tradução nossa).

9 “Uma imagem mental, na perspetiva em que Damasio usa esse termo, não é uma representação interna ou modelo de alguma realidade não-mental, como um estado do corpo. Em vez disso, a imagem é apenas a nossa consciencialização de certos aspetos do nosso estado corporal”. (JOHNSON, 2012, p. 64, tradução nossa).

10 “A nossa consciencialização de certos aspetos do nosso estado corporal” (JOHNSON, 2012, p. 64, tradução nossa)

vivo-vida-luz-claro-branco ou vida-emoção-sangue-vermelho entre outras ligações. Estas possíveis associações não se constituem num somatório indiferenciado, mas obedecem ao princípio básico de “first things first”: a imagem mental de “verticalidade” acionará primeiro valores espaciais (“verticalidade>posição no espaço”) e só depois os metonímicos (estar em pé-estar vivo”). Já se “verticalidade” acionar cognitivamente, por qualquer motivo, a percepção de uma cor (branco, vermelho, verde ...), tem-se entendido isto como uma associação não expectável e que resultou de um cruzamento de percepções. Fala-se, então, em sinestesia.

Este funcionamento linguístico-cognitivo implica que as palavras (porque intrinsecamente ligadas às imagens mentais e concetualizações construídas) vão originar mapeamentos cognitivos a partir das percepções e respetivos correlacionamentos mentais. Parece-nos evidente que as sinestésias decorrem dos relacionamentos não primários e menos “lógicos”. Associar, numa imagem mental, uma cor ao valor de “agudo” ou um ao valor de “escuro” é visto como decorrendo de percepções sinestésicas<sup>11</sup> ao nível pré-linguístico da organização concetual.

Aceitando isto, parece ter de se aceitar também que o significado linguístico implica uma rede semântico-cognitiva complexa. Será, pela sua complexidade, mais do que uma simples imagem mental, certamente uma espécie de *cluster* que envolve (simplificando) a rede percetivo-cognitiva de cada item (a imagem, para Damásio) e a rede semântica com todas as conexões que estes mecanismos têm com aquilo que genericamente se chama memória.

O *cluster* linguístico-cognitivo das cores é, certamente, muito importante no processamento semântico das línguas. Não se pode esquecer que, na arquitetura cerebral, a área da visão é a que é dotada de maior poder percetivo e cognitivo. Os falantes e as línguas intuem isso. Não é por acaso que a etimologia nos mostra como em várias línguas as palavras que referem a visão também significam “compreender” e “saber”.

---

11 Com efeito, parece que na maioria dos falantes acontece naturalmente a associação cognitiva agudo-alto-luminoso-claro, por um lado, e grave-baixo-sem luz-escuro por outro (WARD, 2006).

## VALORES DOS CLUSTERS LINGUÍSTICO-COGNITIVOS DAS CORES

Como se defende no paradigma da Semântica Cognitiva, o significado é corporizado (LAKOFF, 1995; LAKOFF; JOHNSON, 1999; GIBBS, 2003; GIBBS et al., 2004; JOHNSON, 2012) e parte das correlações experienciais (GRADY, 1997) que quotidianamente percebemos e organizamos. Compreende-se, assim, o porquê de o vermelho, cognitivamente, apresentar fortíssimas linhas de associações experientialmente muito salientes, como, por exemplo, as de fogo e sangue (-fogo> calor> temperatura alta> emoção> amor> sedução> luta> conquista> perigo...; -sangue> vida> luta> conquista> matar> perigo> ações de risco> ações proibidas...).

As línguas naturais e as realizações artísticas demonstram à evidência estas associações. A Retórica tradicional tenta distinguir as que se efetivam por processos metafóricos das que funcionam por processos metonímicos. AMOR e FOGO podem estar associados metonimicamente (como em rigor acontece) mas também metaforicamente (como o faz toda a análise tradicional do célebre soneto camoniano “Amor é fogo que arde sem se ver”). O conceito cognitivo de metaftonímia baseia-se precisamente na ideia da gradatividade e implicação entre os dois fenómenos (GOOSSENS, 1990; BARCELONA, 2000; SILVA, 2006; TEIXEIRA, 2012; TEIXEIRA, 2013).

Mas se metonímias e metáforas das cores têm uma larga tradição na descrição do funcionamento do significado linguístico, os fenómenos de sinestesia não têm sido entendidos como decorrendo do mesmo tipo de funcionamento. São, normalmente, vistos como fenómenos de “trocas cognitivas”. A metáfora e metonímia costumam ser descritas como decorrendo de fenómenos de semelhança/associação entre domínios cognitivos, enquanto a sinestesia se entende baseada na “troca”/substituição de uma área perceptiva por outra. E se para a Retórica literária a sinestesia era apenas uma “figura da linguagem”, para a literatura da Psicologia, tem sido entendida como a manifestação do funcionamento de cérebros não normais designados “cérebros sinestetas”.

Nos últimos anos, no entanto, os fenómenos da sinestesia têm despertado um crescente interesse no domínio da psicologia e da percepção.

Há cada vez mais estudos que tentam fazer abordar os fenômenos de sinestesia como fenômenos da cognição globalmente considerada e não apenas como fenômenos de desvio ou “exceção” cognitiva (SIMNER et al., 2006; YOKOYAMA, 2014; BRANG et al., 2011; GOODHEW; KIDD, 2017).

Um dos fenômenos mais estudados dentro da sinestesia é, precisamente, o das relações entre a representação linguística e as cores, normalmente a relação entre as letras e fenômenos de evocação de cores que determinados falantes manifestam. Se para certos falantes cada letra tem uma cor específica, será que estes fenômenos de sinestesia nos podem ajudar a compreender, de uma forma mais vasta, a relação entre o acionamento das cores e a organização concetual/categorial no processamento do significado linguístico? No atual estado dos conhecimentos, as sinestésias das cores aparecem, assim, como constituindo um campo privilegiado:

Color perception is an elementary property of our visual system, based on the receptors' sensitivity to different wavelengths of light. [...] It seems that our ability to “simply” discriminate different wavelengths of light is in our cognitive and affective system interconnected with many different concepts, feelings, associations, and memories (Palmer and Schloss, 2010; Taylor et al., 2013). However, little is currently known about which regularities do or do not exist, and what are the underlying mechanisms explaining such associations. One condition that reflects and augments our understanding of our ability for these types of cross-domain associations is synesthesia. (ROUW et al., 2014, p. 1)<sup>12</sup>

---

12 “A percepção de cores é uma propriedade elementar do nosso sistema visual, baseada na sensibilidade dos recetores a diferentes comprimentos de onda da luz. [...] Parece que nossa capacidade de “simplesmente” diferenciar diferentes comprimentos de onda da luz está no nosso sistema cognitivo e afetivo interconectado com variados conceitos, sentimentos, associações e memórias. (Palmer e Schloss, 2010; Taylor et al., 2013). No entanto, pouco se sabe atualmente sobre quais regularidades existem ou não, e quais são os mecanismos subjacentes que explicam tais associações. Uma condição que reflete e aumenta a nossa compreensão da nossa capacidade para esses tipos de associações entre domínios é a sinestesia”. (ROUW et al., 2014, p. 1, tradução nossa).

Sumamente interessante a este respeito é o facto de determinadas preferências associativas letras-cores serem comuns a cérebros sinestetas e não sinestetas. O mais estudado é o caso da associação letra A-vermelho:

In letter-to-color preferences, we also obtained certain specific preferences. The strongest effect is the red/A bias, which has previously been reported in English (Marks, 1975; Simner et al., 2005) and is now extended to English, Dutch and Hindi language subgroups. (ROUW et al., 2014, p. 13)<sup>13</sup>

A regularidade de estudos tão variados que provam a frequência desta associação e a busca de justificações cognitivas para a sua existência (sobretudo para os cérebros ditos “sinestetas”) são a prova de que as associações letras-cores não acontecem maioritariamente por acaso ou simplesmente por acidente neuronal, mas resultam de conexões e justaposições cognitivas que a mente processa. E este ponto é fundamental, na nossa perspetiva. As sinestésias (mais ou menos invulgares, mais ou menos compreensíveis) são o resultado de associações cognitivas e não cortes casuais e aleatórios e a sua expressão linguística demonstra a respetiva importância na organização e funcionamento do significado. Quanto a nós, o mais importante não será perceber o porquê de a letra A aparecer como vermelha para muitos falantes, mas reconhecer o facto de que entidades que aparentemente não implicam o processamento de cores o podem acionar por conexões cognitivas que a mente constrói: “Possibly, the preference of “red” with Monday or the letter A is to mark the start of a sequence (of the work week/ of the alphabet)<sup>14</sup>” (ROUW et al., 2014, p. 14).

---

13 “Nas preferências letra-cor, também obtivemos certas preferências específicas. O efeito mais forte é a ligação vermelho/A, já anteriormente tratada em língua inglesa (Marks, 1975; Simner et al., 2005) e agora estendida a subgrupos de inglês, holandês e hindi”. (ROUW et al., 2014, p. 13, tradução nossa).

14 “Possivelmente, a preferência de “vermelho” para segunda-feira ou para a letra A deve-se ao facto de marcar o início de uma sequência (da semana de trabalho / do alfabeto)”. (ROUW et al., 2014, p. 14, tradução nossa).

Também Root (2018) propõe para a associação frequente letra A-vermelho o facto de a letra A ser a primeira letra e que por isso ocupa uma posição ordinal muito distinta, não usual, ser a primeira (*unusually-distinct ordinal position* (“*first*”) e o vermelho ser também uma cor invulgarmente distinta das outras (*and an unusually-distinct color (red)*):

Numerous studies have reported that for English-speaking synesthetes, “A” tends to be colored red more often than predicted by chance, and several explanatory factors have been proposed that could explain this association. Using a five-language dataset (native English, Dutch, Spanish, Japanese, and Korean speakers), we compare the predictions made by each explanatory factor, and show that only an ordinal explanation makes consistent predictions across all five languages, suggesting that the English “A” is red because the first grapheme of a synesthete’s alphabet or syllabary tends to be associated with red. We propose that the relationship between the first grapheme and the color red is an association between an unusually-distinct ordinal position (“*first*”) and an unusually-distinct color (red). We test the predictions made by this theory, and demonstrate that the first grapheme is unusually distinct (has a color that is distant in color space from the other letters’ colors). (ROOT, 2018, p. 375-376)<sup>15</sup>

O argumento é sensivelmente o mesmo de Rouw (2014): *first things first*. Mas, no nosso entender, a associação A-vermelho não pode ser apenas explicada por uma associação de “invulgaridades” ou de coisas não

---

15 “Variados estudos indicam que para as pessoas sinestetas de língua inglesa, “A” tende a ser colorido como vermelho com mais frequência do que o previsto pelo acaso e vários fatores têm sido propostos para explicar essa associação. Usando um conjunto de dados de cinco idiomas (falantes nativos de inglês, holandês, espanhol, japonês e coreano), comparamos as previsões feitas por cada fator explicativo e mostramos que apenas uma explicação faz previsões consistentes em todos os cinco idiomas, sugerindo que o inglês “A” é vermelho porque o primeiro grafema do alfabeto ou silabário de um sinesteta tende a ser associado ao vermelho. Propomos que a relação entre o primeiro grafema e a cor vermelha é devida a uma associação entre uma posição ordinal especialmente distinta (“primeiro”) e uma cor excepcionalmente distinta (vermelho). Testamos as previsões feitas por esta teoria e demonstramos que o primeiro grafema é especialmente distinto (tem uma cor distante no espaço de cores das cores das outras letras)”. (ROOT, 2018, p. 375-376, tradução nossa).

usuais. Por este argumento, tudo o que fosse invulgar ou não usual deveria ser associado a vermelho e não parece que isso aconteça. Aceitando as ideias de fundo que Rouw e Root retomam (o vermelho como “primeira” cor e o A como primeira letra), parece-nos ser mais integradora a ideia de que o cruzamento sinestésico entre o A e o vermelho resulta simplesmente da associação entre o protótipo de cor e o protótipo das letras. A característica apontada de “ser o primeiro da ordem” será um dos traços que fazem do A ser um membro muito prototípico das letras (bem assim como a sua frequência). Já para o vermelho, a questão não é ordinal. A prototipicidade do vermelho resulta da sua saliência cognitiva e das associações culturais que esta saliência potencia.

É o mesmo que se passa no conhecido teste de “adivinhação” quando se pede a um grupo de pessoas que pense rapidamente numa ferramenta e numa cor e se “adivinha” que a maior parte pensou “martelo vermelho”: os membros mais prototipicamente salientes das ferramentas e das cores.

O interesse da explicação de fenómenos como estes de associação letras-cores, mostra que tais associações não são puramente aleatórias, mas assentam em *clusters* semântico-cognitivos do processamento linguístico, tanto em mentes “normais” como em mentes sinestetas. Só que naquelas, nas ditas “normais”, não sinestetas, as associações menos prioritárias não são tão fortemente induzidas ou provocadas.

## METONÍMIAS, METÁFORAS E SINESTESIAS

Em trabalho complementar deste<sup>16</sup> mostramos como os dados dos inquéritos provam a constância da paleta de cores de cada provérbio em cada inquérito, ou seja, fazendo-se dois grupos diferentes de inquiridos no Português Europeu (PE), cada provérbio aciona sensivelmente a mesma paleta de cores nos dois grupos. Além disso, contrastando os resultados do PE com os do Português Brasileiro (PB) verificam-se os mesmos resultados sem variações significativas globais, embora com divergências

---

16 Ver Teixeira (2018b).

cognitivamente compreensíveis e interessantes. Comparem-se, por exemplo, os resultados do Grupo 1 do PE (prim.), com os do Grupo 2 do PE (últim) (Figuras 2 e 3) e ainda a totalidade do PE (4PE) com o PB (4PB) (Figuras 4 e 5).

Figura 2 - Amor com amor se paga PE (prim.)

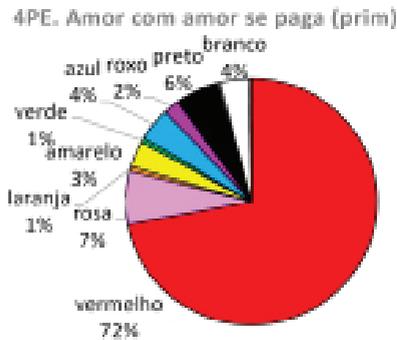
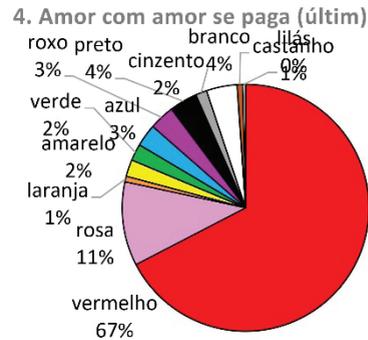


Figura 3 - Amor com amor se paga PE (últim.)



Fonte: próprio autor.

Figura 4 - Amor com amor se paga totalidade do PE

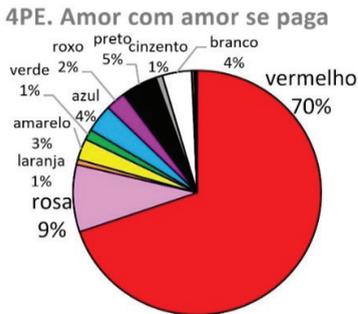
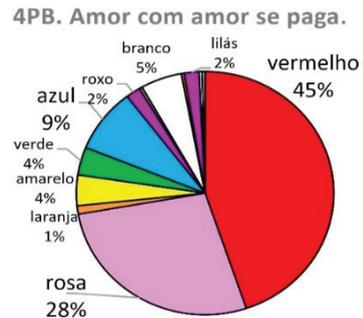


Figura 5 - Amor com amor se paga PB



Fonte: próprio autor.

Por outro lado, cada provérbio, mantendo a constância de resultados entre estes diferentes grupos, apresenta uma identidade cromática contrastando com a identidade dos outros. Exemplificando com provérbios morfossintaticamente idênticos entre o PE e o PB,

comparem-se os resultados do anterior (Provérbio 4. Amor com amor se paga) com o provérbio 9. Água mole em pedra dura tanto bate até que fura (Figuras 6, 7, 8 e 9).

Figura 6 - Água mole em pedra... (prim.)

9PE. Água mole em pedra dura (prim)

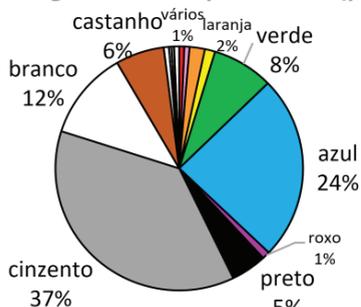
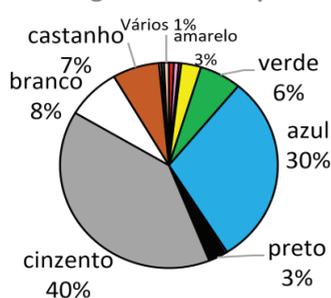


Figura 7 - Água mole em pedra... (últi.)

9PE. Água mole em pedra (últ)



Fonte: próprio autor.

Figura 8 - Água mole em pedra... PE

9PE. Água mole em pedra

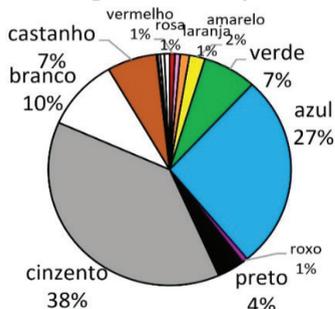
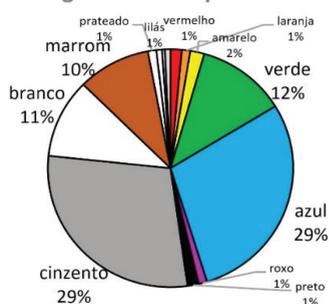


Figura 9 - Água mole em pedra... PB

9PB. Água mole em pedra dura



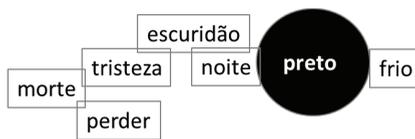
Fonte: próprio autor.

Esta coincidência nos resultados, verificável em todos os 9 provérbios, comprova a não aleatoriedade da evocação das cores, ou seja, que o processamento semântico comporta “disparos” sistemáticos, bastante coincidentes entre os falantes, para a área cognitiva das cores mesmo quando o referente não as implica diretamente.

Parece-nos evidente que disto se pode concluir que as cores acionadas por uma frase (provérbio) não o são aleatoriamente, mas que resultam de associações cognitivas e semânticas que os falantes constroem<sup>17</sup>.

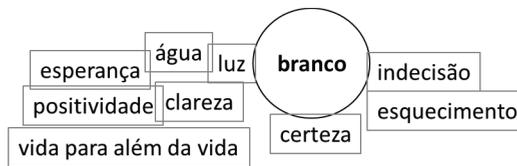
Num outro trabalho,<sup>18</sup> apresentamos os valores/traços principais das redes semântico-cognitivas de cada cor que explicam os resultados com estes 9 provérbios do inquérito (Figuras 10, 11 e 12, exemplificando os valores para o preto, branco e vermelho).

Figura 10 - Rede semântico-cognitiva do preto



Fonte: próprio autor.

Figura 11 - Rede semântico-cognitiva do branco



Fonte: próprio autor.

Figura 12 - Rede semântico-cognitiva para o vermelho



Fonte: próprio autor.

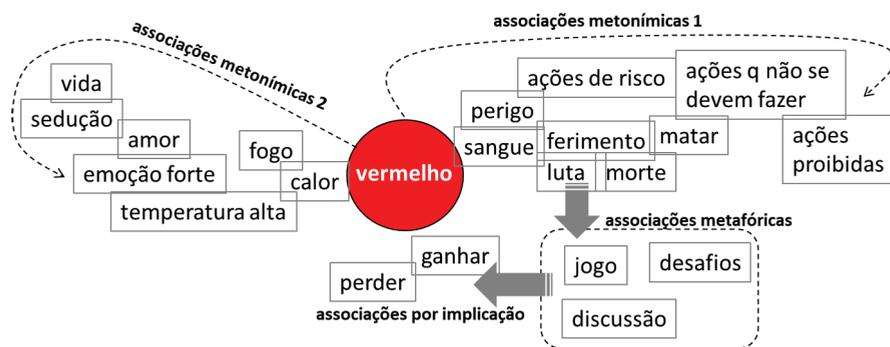
17 Ver Teixeira (2018b).

18 Ver Teixeira (2019a).

Cada rede/*cluster* linguístico-cognitivo de cada cor, embora relativamente simples (o vermelho é o mais complexo), consegue explicar bastante satisfatoriamente a sistematicidade do respetivo acionamento em cada provérbio. No entanto, as relações que ligam o(s) significado(s) de cada provérbio às cores evocadas não são apenas de um tipo. Não basta dizer “o vermelho no provérbio X ou Y é evocado pelo valor Z”, mas tentar perceber que mecanismo(s) cognitivo(s) permite(m) as evocações.

Vejamos, então como, os valores que podem associar-se ao vermelho. A relação desta cor com o sangue é experiencial e cognitivamente evidente. E desta associação metonímica mais imediata se seguem outras que a Figura 13 sumariamente esquematiza.

Figura 13 – Rede/*cluster* explicativa dos valores de *vermelho* nos 9 provérbios



Fonte: próprio autor.

A partir desta implicação VERMELHO-SANGUE, cognitivamente muito saliente, forma-se, assim, um grupo de associações metonímicas das quais se podem destacar, por encadeamento:

VERMELHO>SANGUE>FERIMENTO>LUTA>MORTE

SANGUE>FERIMENTO>PERIGO>AÇÕES DE RISCO>AÇÕES PROIBIDAS

Uma outra associação metonímica muito saliente para o vermelho é com calor e temperaturas altas: associamos o fogo ao vermelho;<sup>19</sup> percebemos que ficamos vermelhos (sobretudo as pessoas de pele clara) quando nos sentimos com temperatura mais alta. Constroem-se, assim, as equivalências metonímicas

VERMELHO>CALOR>FOGO>TEMPERATURA ALTA

Por sua vez, as percepções das emoções também são associadas metonimicamente às de temperatura,<sup>20</sup> construindo outras associações metonímicas:

TEMPERATURA ALTA>EMOÇÃO FORTE>AMOR>SEDUÇÃO

Mas, como é compreensível, nem só de associações metonímicas se constitui o *cluster* linguístico-cognitivo de uma cor como o vermelho. Por exemplo, o domínio LUTA facilmente aciona, por relações metafóricas, os domínios JOGO-DISSCUSSÃO-DESAFIOS: metáforas como JOGO É LUTA<sup>21</sup> e DISCUSSÃO É LUTA são sobejamente conhecidas e referidas desde o célebre *Metaphors We Live By* (LAKOFF; JOHNSON, 1980). E não é difícil de perceber que estes últimos domínios metaforicamente acionados evoquem relações de implicação com outros como GANHAR e PERDER (Figuras 12 e 13).

Sem dúvida que os processos metonímicos e metafóricos são os dotados de maior peso na estruturação das nossas concetualizações linguístico-cognitivas. A longa tradição de aceitação da Retórica clássica sobre os mesmos e as novas propostas teóricas cognitivas (como o conceito de

---

19 Na realidade, as imagens de fogo não possuem maioritariamente a cor vermelha. Faça-se a experiência e procure-se em imagens Google “fogo”: as imagens reais de fogo são compostas maioritariamente por amarelos e castanhos-alaranjados. A cor vermelha, praticamente não é necessária para “pintar” o fogo...

20 As expressões linguísticas das emoções evidenciam a associação emoção-temperatura alta: *ser uma pessoa fria; atitudes frias*=não ter/mostrar emoções; *o calor da discussão*=a emoção da discussão em ponto alto; *alguém ferver em pouca água*= exaltar-se emotivamente com assuntos pouco importantes.

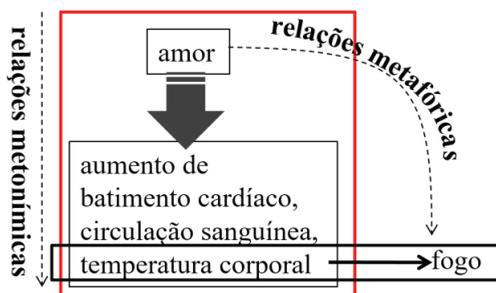
21 Ver Teixeira (2010; 2011) sobre a metáfora JOGO É GUERRA nos relatos da imprensa escrita sobre futebol.

*metaftonímia* já referido) assim o comprovam. Mas se atrás falámos destes dois processos, encarando-os como autónomos, o conceito de metaftonímia considera-os *co-operantes* (mais do que *cooperantes*). E, na realidade, olhando para a série de valores/domínios que associamos a vermelho e que explicam os resultados dos inquéritos, comprova-se que, entre alguns deles, os processos metafóricos e metonímicos aparecem como cooperando, sendo, por vezes, difícil saber onde começam uns e acabam os outros.

Por exemplo, a relação vermelho-FOGO é compreensivelmente metonímica, como já indicámos. E a de FOGO com AMOR? A tradição retórica vê apenas metáfora. É sumamente demonstrativo o facto de um dos exemplos mais exaustivamente apresentados como o protótipo da metáfora ser o soneto camoniano *AMOR É FOGO que arde sem se ver*. No entanto, tal percepção não resiste a uma análise não muito complexa.

Na verdade, a ligação entre os sentimentos intensos como o amor e o aumento dos batimentos cardíacos e da circulação sanguínea (o que implica o aumento da temperatura corporal) são experiências que os humanos vivenciam. São, assim, claramente associações metonímicas. No entanto, para exprimir o grau mais elevado da metonímia da temperatura, podemos fazer uma associação com experiências de um outro domínio, o do fogo, aceitando uma identificação cognitiva. E assim AMOR > AUMENTO DE TEMPERATURA CORPORAL > FOGO veste-se de metáfora em AMOR É FOGO (Figura 14).

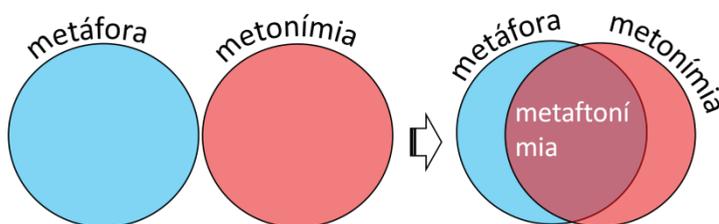
Figura 14 - Relações metafóricas e metonímicas



Fonte: próprio autor.

Uma visão dual destes dois fenómenos (Figura 15) é substituída por uma outra, que, não deixando de reconhecer diferença entre ambos, aceita que há, entre eles, frequentes zonas de intersecção (Figura 15).

Figura 15 - Metáfora e metonímia na Retórica clássica e no conceito de metaftonímia



Fonte: próprio autor.

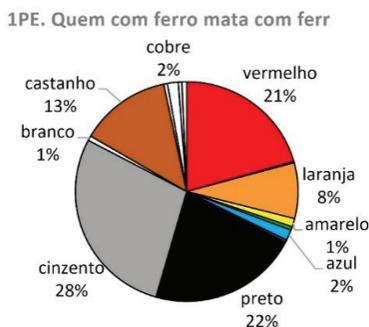
No entanto, os resultados obtidos pelos inquéritos implicam, para as redes dos *clusters* linguístico-cognitivos das cores, uma estruturação concetual/categorial que apenas metáforas e metonímias não conseguem explicar.

Analisemos alguns dados.

No provérbio 1, no PE,<sup>22</sup> Quem com ferro mata com ferro morre (Figura 16): cores dominantes são o cinza (28%), o preto (22%), o vermelho (21%) e, em escala menor, o castanho (13%). O conceito-categoria de morte, que é central, explicará metonimicamente o preto pelas associações que a Figura 10 representa, enquanto o cinza e o castanho se podem ligar a ferro/metal (metonímia COR POR MATERIAL/OBJETO).

22 Exemplificamos aqui com exemplos de resultados apenas no PE por uma questão de concisão, já que os resultados do PB confirmam os do PE, como atrás indicámos. Inquéritos posteriores feitos em Angola e Timor corroboram maioritariamente os resultados do PE e do PB (ver, a este propósito, Teixeira (2019b)).

Figura 16 – Cores dominantes no provérbio Quem com ferro ... no PE



Fonte: próprio autor.

No entanto, o peso do cinzento (que é a cor mais evocada) talvez não se esgote na associação a ferro e a metal. O seu acionamento parece-nos ser, em grande parte, sinestésico, talvez pelos valores [indistinção], [equivalência] que esta cor evoca e que também servem para explicar os valores de outros provérbios (Figura 17).

Figura 17 – Rede semântico-cognitiva do cinzento



Fonte: próprio autor.

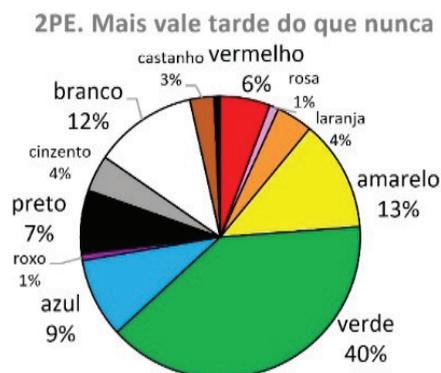
Na verdade, percebe-se o porquê de a rede concetual acionada pelo cinzento sugerir determinados valores pela sequência preto-cinzento-branco: o cinzento, adquirindo o valor > [nem branco nem preto], é associado a [indistinção], [monotonia], [equivalência].<sup>23</sup> E o significado nuclear do

23 Este traço semântico é facilmente verificável em expressões como “pessoa cinzenta” (=indiferente a tudo, sem opinião marcada).

provérbio é o de equivalência e indistinção: “matar com violência equivale a morrer com violência”.

Vejamos o provérbio 2 do PE: Mais vale tarde do que nunca, que apresenta uma paleta de cores bem diferente do anterior (Figura 18).

Figura 18 – Cores dominantes no provérbio Mais vale tarde do que nunca no PE



Fonte: próprio autor.

Para explicar os valores evocados,<sup>24</sup> deve notar-se que indiciam vertentes contraditórias, como [certeza] e [esperança] *versus* [indecisão] e [esquecimento]. Na realidade, o provérbio implica uma significação complexa. Por um lado, [indecisão] e [esquecimento]: referir que algo é feito tarde implica que houve protelamento e adiamento de um processo. Mas por outro lado, também implica a certeza e a positividade, já que refere a parte positiva de comportamentos negativos (adiamento e indecisão). É precisamente esta parte positiva que se constitui como sua essência, e daí o valor positivo de [esperança] que as cores mais presentes (verde, amarelo e branco) evocam.

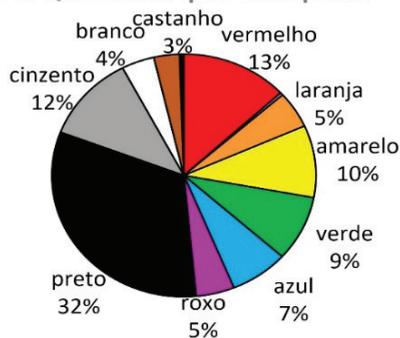
24 Como já atrás referimos, a explicação das redes e dos valores dos 9 provérbios constantes nos inquéritos aparece em trabalho complementar deste: Teixeira (2019a).

A muito significativa presença do azul denota, quanto a nós, um valor nitidamente sinestésico, o valor de [racional], já que é difícil vislumbrar, nas palavras que o constituem, específicas relações referenciais a cores, metafórica ou metonimicamente. É a racionalidade, por oposição a emotividade, um dos seus valores centrais. A racionalidade de constatar a evidência de que é melhor chegar tarde do que nunca chegar.

Um outro exemplo, através de uma outra paleta de cores bem distinta. O provérbio 3 do PE, Quem tudo quer tudo perde (Figura 19).

Figura 19 - Quem tudo quer tudo perde no PE

**3PE. Quem tudo quer tudo perde**



Fonte: próprio autor.

Parece-nos evidente que, aqui, as cores não aparecem por motivos de referencialidade cromática, não provêm de associações imediatas com qualquer palavra específica, sendo evocadas essencialmente por sinestesia.

O preto (predominante), juntamente com a complementaridade do cinza, atinge quase 50%. Os valores do preto recrutados aqui são os de [perder] e [tristeza] (extensíveis até [morte] -ver Figura 10) e o cinzento reforça-os com os de [tristeza], [equivalência]/ [indistinção] (ver Figura 17). Na realidade, é precisamente o valor de equivalência o da semântica global do provérbio: querer tudo equivale a perder tudo.

Note-se, ainda, o vermelho como a segunda cor mais referida. O provérbio tem a sua semântica ligada a [ações de risco], [perigo], à [sedução]

por [desafios], pelo [jogo] e por [ganhar], e todos estes valores acionam o vermelho (ver Figura 13).

## **NÃO HAVENDO DOMÍNIOS DISCRETOS, NÃO HÁ FENÓMENOS DISCRETOS**

Estas relações entre valores abstratos como [ações de risco], [desafios], [sedução] e a cor vermelha, e ainda outras associações como [perder], [morte] para o preto (apenas exemplificadas com os 3 primeiros provérbios dos inquéritos<sup>25</sup>) são essencialmente construídas por implicações cognitivas das do género das que, como atrás referimos, levam a maior parte dos falantes sinestetas (e não sinestetas) a associarem a letra A ao vermelho.

Como a literatura dos fenómenos de sinestesia comprova, como já referimos, as associações letras-cores não se verificam apenas por acaso ou por acidentes nos processamentos neuronais, mas decorrem de conexões e justaposições cognitivas mentalmente processadas. Ou seja, associações de cores a realidades (valores) aparentemente “sem cor” entram na categoria das sinestésias (mais ou menos invulgares, mais ou menos compreensíveis). Elas serão o resultado de múltiplas associações cognitivas na organização concetual e de categorização e não aleatoriedades. Por isso, a sua dimensão linguística evidencia a grande importância que têm no processamento concetual e semântico das línguas.

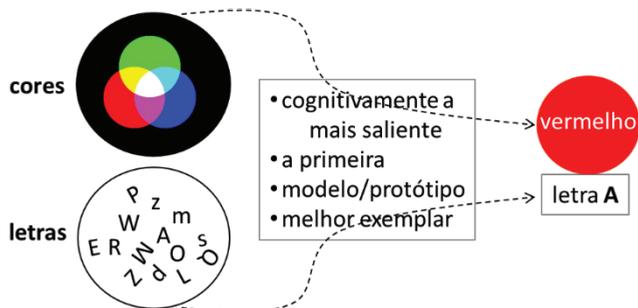
Se bem que na literatura da Psicologia se procuram identificar os fatores e mecanismos que possibilitam os fenómenos da sinestesia, não há a preocupação de os descrever como integrados no âmbito dos metafórico-metonímicos. Quando Rouw (2014) e Root (2018) retomam o mais conhecido da associação letra A com o vermelho, como vimos, defendem essencialmente o argumento de a sinestesia ser desencadeada pelo facto de o vermelho ser percecionado como “primeira” cor e o A como primeira letra. Dissemos que esta razão será mais integradora se se utilizar

---

25 Para uma visão mais completa da sistematicidade das associações entre as cores e os valores semântico-cognitivos detetados, ver os trabalhos complementares deste texto já indicados, sobretudo Teixeira (2019a).

o conceito de protótipo e que a evocação sinestésica do vermelho para a letra A resulta da associação entre o protótipo de cor e o protótipo das letras e o de bom/melhor exemplar<sup>26</sup> (Figura 20).

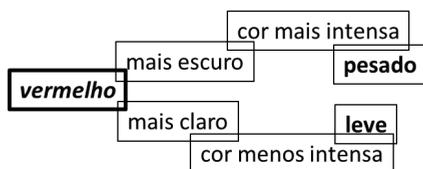
Figura 20 - Evocação sinestésica do vermelho para a letra A - Protótipo de cor e protótipo das letras



Fonte: próprio autor.

São também associações entre traços comuns que permitem as sinestésias que a tradição das “figuras” da retórica há muito aceita como “normais” no processo semântico, por exemplo, o referir uma cor como “leve” ou “pesada”: um vermelho mais escuro é um vermelho mais pesado, enquanto um mais claro é mais “leve” (o cor de rosa é um “vermelho leve, suave” e transporta esta dimensão no seu simbolismo) (Figura 21).

Figura 21 - Vermelho como cor leve e vermelho como cor pesada



Fonte: próprio autor.

26 Não se confunda o conceito de protótipo com o de melhor/bom exemplar. No entanto, as duas realidades implicam-se.

A associação [escuro]>[intenso] baseia-se nas nossas correlações experienciais, usando a terminologia de Grady (1997): quando temos uma pequena quantidade de uma substância de uma cor, normalmente essa substância apresenta-se com uma tonalidade pouco intensa, quase transparente (clara), mas se acrescentarmos mais quantidade da mesma substância, a tonalidade da cor fica cada vez mais intensa (escura). Um pouco de sangue que fazemos deslizar entre os dedos tem um vermelho leve, enquanto o sangue acumulado numa ferida ou num objeto contenedor tem um vermelho mais forte, pesado. O mesmo com qualquer líquido que não seja absolutamente transparente. Portanto, associamos [cor mais intensa] a [mais quantidade de substância] e naturalmente [mais quantidade] a [mais peso]. Assim, quanto mais escuro for o tom da cor, mais “pesada” ela será.

Este tipo de associação poderá ser vista como metonímica: duas propriedades do mesmo domínio (tonalidade de cor de X e quantidade de X) que se relacionam implicativamente. Mas também poderá ser entendida como metafórica, já que faz equivaler dois domínios diferentes: o da percepção visual (*mais escuro*) e o da percepção da gravidade (*mais pesado*). Assim teremos a metáfora concetual MAIS ESCURO É MAIS PESADO. No entanto, porque esses dois domínios diferenciados são domínios diferentes de percepção, a tradição (para a Retórica e para a Psicologia) não vê nem metáfora nem metonímia, mas sinestesia. Na realidade, no entanto, todos têm razão: há implicação metonímica num determinado domínio experiencial; há equivalência metafórica entre dois domínios; e sendo, esses domínios, de percepções sensoriais diferentes, pode dizer-se que existe uma equivalência sinestésica. Portanto, temos metonímia, metáfora e sinestesia funcionando complementarmente e implicativamente. Ora muitos dos valores das cores evocados pelos provérbios só se compreendem pelo funcionamento implicativo destes três processos cognitivos que serão gradativos, contínuos e não discretos. Como o conceito de metaftonímia já pressupunha, metáfora e metonímia implicam-se frequentemente e, como aqui se procura demonstrar, as sinestesias baseiam-se igualmente em associações cognitivas de base metaftonímica. Na verdade, as associações

que a mente estabelece entre os valores semântico-cognitivos podem ser de qualquer ordem e não assentam apenas em fenómenos rigidamente tripartidos (ou apenas metonímia ou apenas metáfora ou apenas sinestesia) que uma visão tradicional mais atomística defende.

Os recentes estudos sobre sinestesia caminham no sentido de abandonar a ideia da aleatoriedade do fenómeno e de o enquadrar nas perceções multimodais, vendo a cognição como poderosa integradora de múltiplas perceções experienciais em interação com a linguagem. Dixon (2006) e Nikolic (2009) referem, para tal, o conceito de “ideaesthesia”

Dixon et al. suggest that it is necessary to refer to the phenomenon of ideasthesia,<sup>27</sup> which occurs when activation of concepts (inducers) evokes perception-like experiences (concurrents) (Dixon et al., 2006). In contrast to synesthesia proper, which in essence is the conflation of senses, ideasthesias manifested on the plane of interaction between the semantic inducer and sense-like or emotive concurrent (SMIRNOVA, 2016, p. 127)<sup>28</sup>

O conceito de “ideastesia” parece-nos não acrescentar nada de novo, apenas reconhecer um pressuposto de base da Semântica Cognitiva, o de que a ativação concetual evoca perceções decorrentes da experiência. Mas a sinestesia também evoca. Querer reservar o termo de sinestesia para a dita “conflação” ou mistura (vista um pouco como anormal) de perceções não parece justificar-se até à luz da própria perspectiva que defende que as sinestésias aparentemente resultantes de cruzamentos percetivos aleatórios parecem ter outra explicação menos ligada ao acaso.

Assim, caso se considere que uma nomenclatura designativa é importante, parece-nos mais útil que ao termo de metaftonímia, sem dúvida

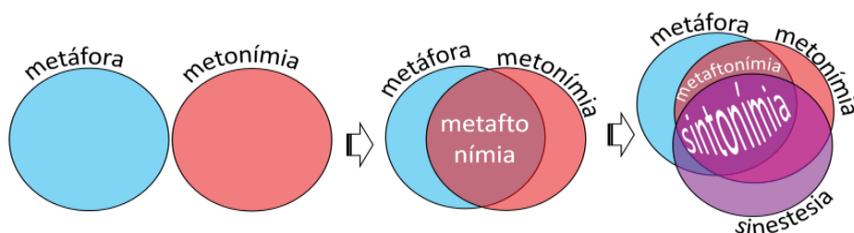
---

27 Aparece assim, “ideasthesia” em vez de “ideaesthesia” de Dixon (2006).

28 “Dixon et al. sugerem que é necessário referir-se ao fenómeno da ideastesia, o qual ocorre quando a ativação de conceitos (indutores) evoca experiências semelhantes à percepção (concorrentes) (Dixon et al., 2006). Em contraste com a sinestesia propriamente dita, que essencialmente é a fusão de sentidos, a ideastesia manifesta-se no plano de interação entre o indutor semântico e o concorrente sensorial ou emotivo”. (SMIRNOVA, 2016, p. 127, tradução nossa).

de enorme pertinência e utilidade, se possa aliar um outro que refira a verificável associação entre valores que implicam múltiplas associações semântico-cognitivas, sejam metonímia-metáfora-sinestesia (ou metaftonímia-sinestesia), metáfora-sinestesia ou metonímia-sinestesia, caso seja possível e útil manter a base das distinções tradicionais. Dado que o prefixo *sin-* significa “junção”, poderíamos designar como “sintonímia” o funcionamento conjunto dos fenômenos semântico-cognitivos metonímia-metáfora-sinestesia, tradicionalmente vistos como independentes. A Figura 22 pretende representar a realidade desse funcionamento conjunto, sintonímico, como contraposto às visões autonomistas metáfora-metonímia e complementar do conceito de metaftonímia.

Figura 22 - Funcionamento do conjunto sintonímico



Fonte: próprio autor.

## VISÃO GLOBAL DA CONCETUALIZAÇÃO E CATEGORIZAÇÃO A PARTIR DOS DADOS

Embora neste trabalho não seja possível apresentar a totalidade dos dados obtidos e todas as análises a eles pertinentes,<sup>29</sup> parece-nos poder concluir-se, com pouca margem para dúvidas, que não apenas o acionamento das cores no processo de interpretação semântica não é aleatório, mesmo nos casos da não referencialidade cromática direta, como também as razões justificativas desse acionamento se alicerçam nas múltiplas associações

29 Podem ser encontrados em trabalhos complementares a este e atrás indicados. (ver Teixeira 2018a; 2018b; 2019a e 2019b).

linguístico-cognitivas processadas. Ora o cérebro e a mente não podem ser vistos como constituídos por “domínios” autónomos e discretos, para os gramáticos, linguistas cognitivistas ou psicólogos poderem individualizar as metáforas das metonímias e das sinestésias. Nos processos de organização concetual, tudo está conectado em rede e se bem que prototipicamente estes três mecanismos se possam metodologicamente diferenciar, a realidade deve ser mais complexa e interdependente, como procurámos demonstrar e por tal razão propor o conceito de “sintonímia”.

Ele, na medida em que relaciona os valores semânticos com as nossas experiências corpóreas (individuais e sociais) vai ao encontro do de “significado corporizado” (LAKOFF, 1995; LAKOFF; JOHNSON, 1999) e a sistematicidade dos resultados parece comprovar que nos nossos processos cognitivos de construção concetual e de categorização somos mais sinestetas do que tradicionalmente se costuma pensar. Na verdade, é sabido que a mente procura o máximo de equivalências entre perceções dos mais diversos âmbitos, buscando associar as cores não apenas a objetos, mas igualmente a sentimentos, ideias e emoções.

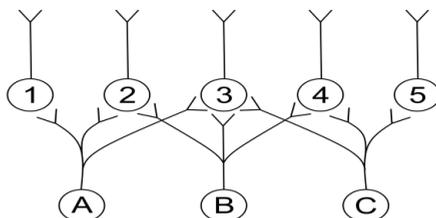
A ser assim, talvez não se justifique, de uma forma tão rígida, a divisão tradicional entre mentes sinestetas (“anormais e com patologias”) e as outras “normais” (BEELI et al., 2007; YOKOYAMA et al., 2014). Todas as mentes são, mais ou menos, sinestetas: procuram ligar e associar áreas com perceções sensoriais diversas. A diferença estará no grau de sinestesia, e não na existência ou não do processo. Associações invulgares (letra A e vermelho) serão sinestésias em maior grau, porque são menos evidentes as motivações que as suportam. Mas associações como as verificáveis entre a morte e o preto/branco, vermelho e amor, indecisão e cinzento, baseiam-se em processos bastante idênticos, passando também pela metonímia e metáfora. A sinestesia poderá, assim, ser vista como uma das três faces de um todo cognitivo que se pode chamar *sintonímia*, todo esse indispensável para se entenderem as associações aparentemente estranhas que as nossas mentes gostam de fazer, como quando verificamos que atribuem sistematicidade de cores ao sentido de frases como

provérbios aparentemente “descoloridos”. É que a dimensão sinestésica (e não apenas simbólica) das cores parece nunca estar completamente, mas apenas parcialmente, adormecida. E se a frase “*colorless green ideas sleep furiously*” foi feita para dar o exemplo do que se chamou de frases “ininterpretáveis”, talvez se lhe possa contrapor uma outra que muitos também pensarão ininterpretável, mas que as nossas mentes sinestéticas parecem aceitar: a de que, para a interpretação semântica, ideias cheias de cor dormem cognitivamente.

Witzel e Gegenfurtner (2018) citando estudos anteriores (WEISS; WITZEL; GEGENFURTNER, 2017; WITZEL; VAN ALPHEN; GODAU; O'REGAN, 2016) sublinham a importância da categorização linguística para a percepção do vermelho, amarelo, verde e azul enquanto realidades autonomamente perceptivas. Dito de outra maneira, a nossa percepção das cores é influenciada pela organização da rede/*cluster* perceptivo, onde se coordenam valores cognitivos e linguísticos: “*the constancy of categorizing typical colors seems to be a consequence of categorization rather than a feature of perceptual color constancy* (WITZEL; GEGENFURTNER 2018, p. 153). Ou seja, nos processos de categorização parece criar-se um *feedback* entre as categorias já construídas e as que estão em processo de construção, de tal modo que a construção de categorias linguísticas não é apenas o resultado dos processos de percepção, mas que as próprias categorias construídas influenciam esses mesmos processos perceptivos. Todos sabemos que a cognição influencia a categorização: os nomes das cores, dentro de uma língua, exemplificam os processos de categorização; o que não é tão referido é que a categorização pode influenciar a própria percepção. As categorizações (espelhadas no “*color naming*”) influenciam a forma como percebemos as cores, e por tanto influenciam todo o processo, desde a organização conceitual à categorial (“*our observations also raised important questions about the role of lightness, chroma, and color naming in the measurement of unique hues and their relationship to sensitivity* (WITZEL; GEGENFURTNER, 2018, p. 162).

Sapolsky, estando num campo diferente do da Linguística,<sup>30</sup> apresenta um esquema (Figura 23) que lhe permite descrever o funcionamento das conexões neuronais de um modo particularmente interessante e que talvez nos ajude a percebermos vários fenómenos linguístico-cognitivos:

Figura 23 - Esquema do funcionamento das conexões neurais



Fonte: (SAPOLSKY, 2018, p. 829).

O Neurónio A dispara em direção aos Neurónios 1, 2 e 3; o Neurónio B dispara para o 2, 3 e 4, e assim por diante. [...]

O conhecimento do Neurónio 3 é geral e vem da sobreposição das projeções das primeiras camadas. Os Neurónios 2 e 4 são também generalistas, mas menos precisos porque só possuem dois exemplares cada.

Então o Neurónio 3 encontra-se no centro convergente dessa rede. E as partes mais sofisticadas do cérebro estão ligadas, em grande parte, de forma similar a este circuito de mentira: a um só tempo, o Neurónio 3 é um elemento periférico nalgum outro circuito e envia projeções para ele - digamos, um circuito que poderia ser desenhado de forma perpendicular a esta página -, ao passo que o Neurónio 1 está no centro de alguma outra rede na quarta dimensão, e assim por diante. Todos esses neurónios estão inseridos em múltiplas redes.

E o que produz isso? A capacidade de fazer associações, metáforas, analogias, parábolas, símbolos. De relacionar duas coisas díspa-

---

30 Robert Maurice Sapolsky não é linguista (é professor de ciências biológicas e neurológicas na Universidade Stanford), por isso a sua intenção não é tomar partido sobre questões linguísticas.

res, inclusive de diferentes modalidades sensoriais. De associar homericamente a cor do vinho com a cor do mar, de entender que tanto «tomate» quanto «batata» podem ser pronunciados de forma distinta numa música, de notar que uma língua vermelha de fora nos faz lembrar as músicas dos Stones. E por isso que associamos Stravinsky a Picasso, dado que os discos (lembra-se disso?) de Stravinsky pareciam ter sempre uma pintura de Picasso na capa. E é por isso que um pedaço retangular de tecido com um padrão distintivo de cores pode representar um país inteiro, um povo ou uma ideologia. (SAPOLSKY, 2018, p. 829-831)

Isto reforça a nossa visão sobre a necessidade de entender a capacidade de correlacionamento que os neurónios têm, o que implica a impossibilidade de separação rígida entre fenómenos como metonímia, metáfora e sinestesia, como explicitamente Sapolsky refere: a “capacidade de fazer associações, metáforas, analogias, parábolas, símbolos. De relacionar duas coisas díspares, inclusive de diferentes modalidades sensoriais” (SAPOLSKY, 2018, p. 829-831). Se a Biologia e a Neurologia o confirmam, porque não há de a Linguística aceitar o funcionamento sintonímico?

Em síntese: os vários dados que nos chegam das Ciências da Cognição mostram que há um constante *feedback* cognitivo entre os processos de percepção e de categorização linguística. A imensa e (no estado atual da ciência) desconhecida complexidade de como isso acontece, além de nos maravilhar, parece indicar que a mente não faz fronteiras rígidas entre os variados processos de que se serve aos quais a tradição, por limitação, atribuíra funcionamento autónomo, por exemplo, no domínio dos processos metafóricos, metonímicos e sinestésicos. O que parecem demonstrar as cores atribuídas aos provérbios é, pelo contrário, a profunda implicação entre os três processos e por isso a justificação de aceitarmos que nos processos de concetualização e categorização a mente não é, à vez, metonímica, metafórica e sinestética, mas frequentemente sintonímica.

## REFERÊNCIAS

BARCELONA, A. (ed.). (2000). *Metaphor and Metonymy at the Crossroads: A Cognitive Perspective*, Berlin: Mouton de Gruyter.

BARNETT, K. J.; FEENEY, J.; GORMLEY, M.; NEWELL, F. N. (2009). "An exploratory study of linguistic colour associations across languages in multilingual synaesthetes". *Q. J. Exp. Psychol* 62, pp. 1343-1354 (quiz 1354-1345).

BEELI, G.; ESSLEN, M.; Lutz J. (2007). "Frequency Correlates in Grapheme-Color Synaesthesia", *Association for Psychological Science*, Volume 18-Number 9, pp. 788-792.

BRANG, D.; ROUW, R.; RAMACHANDRAN, V. S.; COULSON, S. (2011). "Similarly shaped letters evoke similar colors in grapheme-color synesthesia", *Neuropsychologia* 49 (2011), pp. 1355-1358.

DAMÁSIO, A. (1999) *The Feeling of What Happens: Body and Emotion in the Making of Consciousness*. New York: Harcourt Brace.

DAMASIO, A. (2010a) *Self comes to mind: constructing the conscious brain*, Pantheon Books (versão pdf).

DAMÁSIO, A. (2010b). *O livro da Consciência - A Construção do Cérebro Consciente*, Temas e Debates, Círculo de Leitores.

DAMÁSIO, A., (2004). *O Sentimento de Si: O Corpo, a Emoção e a Neurobiologia da Consciência*, Lisboa: Publicações Europa-América.

DIXON M. J.; SMILEK D.; DUFFY P. L.; ZANNA M. P.; MERIKLE P. M. (2006). "The role of meaning in grapheme-coloursynaesthesia". *Cortex*, 42, pp. 243-252.

GIBBSJR., R. W. (2003). "Embodied experience and linguistic meaning", *Brain and language* 84, pp. 1-15.

GIBBS JR., R. W.; LIMA, P. L. C.; FRANCOZO, E. (2004). "Metaphor is grounded in embodied experience", *Journal of Pragmatics* 36 (2004), pp. 1189-1210.

GOODHEW, S. C.; Kidd, E. (2017). "Language use statistics and prototypical grapheme colours predict synaesthetes' and non-

- synaesthetes' word-colour associations", *Acta Psychologica* 173 (2017), pp. 73-86.
- GOOSSENS, L. (1990). "Metaphonymy. The interaction of metaphor and metonymy in expressions for linguistic action", *Cognitive Linguistics* 1-3, pp. 323-340.
- GRADY, J. E. (1997). *Foundations of meaning: Primary metaphors and primary scenes*, University of California, Berkeley.
- JOHNSON, M. (2012). *The Meaning of the Body: Aesthetics of Human Understanding*. University of Chicago Press.
- LAKOFF, G. (1995). "Embodied Minds and Meanings", In: BAUMGARTNER, Peter e PAYR, Sabine (Edit.), *Speaking Minds – Interviews with Twenty Eminent Cognitive Scientists*, Princeton University Press.
- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. (1980). *Metaphors We Live By*. Chicago: The University of Chicago Press.
- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. (1999). *Philosophy in the Flesh: The Embodied Mind and its Challenge to Western Thought*, New York: Basic Books.
- NIKOLIC, D. (2009). "Is synaesthesia actually ideaesthesia? An inquiry into the nature of the phenomenon". *Proceedings of the third International Congress on Synaesthesia*, Science and Art, Granada, Spain, April 26-29, 2009.
- RICH, A. N., BRADSHAW, J. L., Mattingley, J. B. (2005). "A systematic, large-scale study of synaesthesia: implications for the role of early experience in lexical-colour associations". *Cognition* 98, pp. 53-84.
- ROOT, N. B.; ROUW, R.; ASANO, M.; KIM, C.-Y.; MELERO, H.; YOKOSAWA, K.; RAMACHANDRAN, V. S. (2018) "Why is the synesthete's "A" red? Using a five-language dataset to disentangle the effects of shape, sound, semantics, and ordinality on inducer-concurrent relationships in grapheme-color synesthesia", *Cortex*, Volume 99, 2018, pp. 375-389.
- ROUW, R.; CASE, L.; GOSAVI, R.; RAMACHANDRAN, V. (2014). "Color associations for days and letters across different languages". *Frontiers in Psychology*, volume 5:369. doi: 10.3389/fpsyg.2014.00369
- SAPOLSKY, R. M. (2018). *Comportamento - A biologia humana no nosso melhor e pior*. Temas e Debates – Círculo de Leitores.

- SILVA, A. S. (2006). *O Mundo dos Sentidos em Português – Polissemia, Semântica e Cognição*, Coimbra: Almedina.
- SIMMONS, W. K.; RAMJEE, V.; BEAUCHAMP, M. S.; MCRAE, K.; MARTIN, A., BARSALOU, L. W. (2007). “A common neural substrate for perceiving and knowing about color”. *Neuropsychologia* 45, pp. 2802-2810.
- SIMNER, J.; GLOVER, L.; MOWAT, A. (2006). “Linguistic determinants of word colouring in grapheme-coloursynaesthesia”. *Cortex* 42, pp. 281-289.
- SIMNER, J.; WARD, J.; LANZ, M., et al. (2005), “Non-random associations of graphemes to colours in synaesthetic and non-synaesthetic populations”, *Cognitive Neuropsychology*, vol. 22, no. 8, pp. 1069-1085.
- SMIRNOVA, T. (2016). “Sound of a slogan: appealing to audiences in the global market”, *Procedia - Social and Behavioral Sciences* 236 ( 2016 ), pp. 125-130.
- TEIXEIRA, J. (2010). “Texto jornalístico e metáforas de vida e morte no futebol”. In: SILVA, A. S.; MARTINS, J. C.; MAGALHÃES, L.; GONÇALVES, M. (Orgs.), *Comunicação, Cognição e Media*, Volume 2, Publicações da Faculdade de Filosofia, Universidade Católica Portuguesa, Braga, pp. 305-322. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1822/11258>.
- TEIXEIRA, J. (2011). “Futebol, inferno, jogo e guerra: as realizações linguísticas do jogo como metáfora nas capas dos jornais desportivos portugueses”, *Diacrítica -Série Ciências da Linguagem*, nº 25/1 (2011), Universidade do Minho, Braga, pp. 283-318; <http://hdl.handle.net/1822/17804>.
- TEIXEIRA, J. (2012). “Metaftonímia, cognição e cinema: O caso de *Match Point* de Woody Allen”. In: MACEDO, A. G. et al., *Estética, Cultura Material e Diálogos Intersemióticos – XIII COLÓQUIO DE OUTONO*, Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho, pp. 165-184.: <http://hdl.handle.net/1822/20933>
- TEIXEIRA, J. (2013). “A Bolsa e a vida: sistematicidade e metaftonímia no discurso económico”. In: SILVA, A. S. da; MARTINS, J. C.; MAGALHÃES, L.; GONÇALVES, M., *Comunicação, Política e Económica - Dimensões Cognitivas e Discursivas*, Publicações da Faculdade de Filosofia, Universidade Católica Portuguesa, Braga, pp. 522-535. (ISBN: 978-972-697-213-6) <http://hdl.handle.net/1822/27684>

- TEIXEIRA, J. (2018a). “As cores dos provérbios: significado linguístico e sinestesia”, in *Proceedings/ Actas ICP17, 11º/11th Interdisciplinary Colloquium on Proverbs. Colóquio Interdisciplinar sobre Provérbios*, Associação Internacional de Paremiologia / International Association of Paremiology (AIP-IAP), Tavira, pp. 380-391.
- TEIXEIRA, J. (2019a) “Significado e cores de nove provérbios portugueses sem cor” in Marques, Maria Aldina e Sánchez Rei, Xosé Manuel (Eds.) *Estudos atuais de linguística galego-portuguesa*, Edicións Laiovento, Santiago de Compostela. pp. 263-292. Disponível em <http://hdl.handle.net/1822/61026>.
- TEIXEIRA, J. (2019b). “As cores dos provérbios na língua portuguesa: de Portugal ao Brasil e de Angola a Timor” in *Studia Iberystyczne* 18 (2019), pp. 537-561. Disponível em <http://hdl.handle.net/1822/63156>.
- TEIXEIRA, J. (2018b). “As cores no processamento do significado: provérbios e sinestesia”, *Revista Galega de Filoloxía*, 19, pp. 131-149.
- WARD, J. (2006): “Sound-color Synaesthesia: to what extent does it use cross-modal mechanisms common to us all?” *Cortex*, 42, pp. 264-280.
- WEISS, D.; WITZEL, C.; GEGENFURTNER, K. (2017). “Determinants of Colour Constancy and the Blue Bias”. *i-Perception*, 8(6), 2041669517739635. doi:10.1177/2041669517739635.
- WITZEL, C.; GEGENFURTNER, K. R. (2018) “Are red, yellow, green, and blue perceptual categories?”, *Vision Research*, Volume 151, October 2018, pp. 152-163.
- WITZEL, C.; VAN ALPHEN, C.; GODAU, C.; O'REGAN, J. K. (2016). “Uncertainty of sensory signal explains variation of color constancy”. *Journal of Vision*, 16(15), 8. doi.org/10.1167/16.15.8.
- YOKOYAMA, T.; NOGUCHI, Y.; KOGA, H.; TACHIBANA, R.; SAIKI, J.; KAKIGI, R.; KITA, S. (2014). “Multiple neural mechanisms for coloring words in synesthesia”, *NeuroImage* 94 (2014), Elsevier, pp. 360-371.